

O preconceito sexual contra homossexuais

O preconceito contra homossexuais é freqüentemente chamado de *homofobia*, apesar de o termo *heterossexismo* também aparecer freqüentemente na literatura especializada. Ambos conceitos surgiram no final da década de 60 como uma resposta às mudanças trazidas pela revolução sexual, que fez com que a sociedade repensasse temas relativos à orientação sexual (Herek, 2000b). O termo *orientação sexual* surgiu na década de 80 como uma forma de expressar a natureza profundamente enraizada do desejo sexual. Segundo Burr (1996), este conceito possui implicações biológicas, pois até sua criação a homossexualidade era chamada de *preferência* ou *opção sexual*, termos que implicam em uma escolha exclusivamente consciente (Epstein, 2006).

No tocante às expressões “preferência” e “opção” sexual, os campos semânticos referem-se à afirmação, entre outras, das noções de liberdade, voluntariedade, consciência, intencionalidade e escolha, haja vista que o indivíduo que “opta por” ou “prefere” um sexo a outro como objeto de desejo está elegendo – livre, racional e deliberadamente – uma alternativa em detrimento de outra. Já em relação à expressão orientação sexual, esta faculdade volitiva, racionalizada e racionalizante, não se faz presente, uma vez que a escolha intencional e voluntária de um sexo e/ou outro como objeto de desejo não se encontra sob o domínio consciente do sujeito desejante. (Almeida Neto, 1999: 42-43)

Tal como postulamos anteriormente, não acreditamos que a homossexualidade (assim como a heterossexualidade) seja uma escolha racional deliberada, sugerindo, pelo contrário, que a única opção que o sujeito verdadeiramente faz é entre assumir, ou não, sua orientação sexual. Assim, privilegiaremos o conceito de *orientação sexual* nesta tese em detrimento da noção de *opção sexual*.

Voltando aos conceitos com os quais demos início a este capítulo, podemos dizer que *homofobia*, termo cunhado pelo psicólogo George Weinberg na década de 70, pode ser sucintamente definido como uma aversão ou medo

irracional de homossexuais³⁵. De acordo com Herek (1994), a introdução deste termo foi um momento marcante no discurso das ciências sociais sobre a orientação sexual, visto que a partir deste momento não era mais o homossexual que estava doente, mas sim o indivíduo que tinha preconceito contra ele. *Heterossexismo*, por sua vez, se apresenta como um termo similar a racismo e sexismo, descrevendo um sistema ideológico, social e institucional, que coloca a homossexualidade (e outras formas de expressão sexual) como inferior à heterossexualidade. Ambos conceitos, no entanto, têm sido duramente criticados. No caso de *homofobia*, a palavra sugere que o preconceito contra homossexuais pode ser melhor entendido como uma forma de psicopatologia (fobia) individual, ignorando os aspectos sociais do fenômeno. *Heterossexismo*, por outro lado, tem seu foco em um nível histórico e cultural, ignorando atitudes individuais.

Um substituto para estes conceitos parece ser o termo *preconceito sexual*, amplamente utilizado por Herek (1994), e que pode ser definido brevemente como atitudes negativas direcionadas a um determinado indivíduo (ou grupo) por causa de sua orientação sexual. Neste caso, o alvo do preconceito pode ser tanto uma pessoa homossexual, bissexual, transgênero ou heterossexual, apesar do fato de que, dada a atual organização da sociedade, o termo ser mais aplicável ao preconceito contra homossexuais, bissexuais e transgêneros. Segundo este autor, *preconceito sexual* é um conceito preferível à *homofobia* por várias razões. Em primeiro lugar, ele é um termo descritivo que não assume motivações, dinâmicas ou origens inconscientes para as atitudes negativas, além de evitar julgamentos morais sobre estas atitudes. Em segundo lugar, ele coloca o estudo das atitudes relacionadas à orientação sexual dentro do contexto mais amplo das pesquisas da Psicologia Social sobre preconceito. Neste sentido, Ficarrotto (1990) menciona que o preconceito sexual é similar, em origem e forma de apresentação, ao

³⁵ Não obstante o termo *homofobia* ter sido cunhado por Weinberg (1972), a idéia de “medo ou pavor” da homossexualidade já tinha sido descrita como uma síndrome clínica por Kempf na década de 20, recebendo o nome de *pânico homossexual* (Chuang & Addington, 1988). Segundo Drescher (2001), a formulação de Weinberg (1972) transpôs o modelo médico da homossexualidade de uma forma curiosa. Ele começou com a premissa de que a homossexualidade era essencialmente normal e, conseqüentemente, atrações por pessoas do mesmo sexo não seriam um sinal de doença mental. De acordo com este modelo, era a intolerância da homossexualidade que deveria ser considerada um distúrbio e não vice-versa. Sua perspectiva demonstra como um teórico do século XX pode construir um transtorno clínico chamado homofobia do mesmo modo que cientistas do século XIX criaram a doença da homossexualidade (Katz, 1995). Vale lembrar que para Weinberg (1972) os fatores etiológicos que levariam à homofobia incluíam motivos religiosos, medos de ser homossexual, inveja reprimida e ameaça a valores tradicionais.

preconceito dirigido a outros grupos sociais. Por todas estas razões, o termo *preconceito sexual* será privilegiado neste estudo em detrimento da palavra *homofobia*, mais disseminada no discurso cotidiano. Ressaltamos, por último, que o termo *homonegativismo* (Hudson & Ricketts, 1981), tem recebido cada vez mais atenção em artigos acadêmicos sobre homossexualidade, mas discordamos de sua utilização pelo fato dele privilegiar apenas o estudo das “atitudes” contra homossexuais, deixando de lado aspectos relacionados aos “afetos” negativos contra este grupo social.

Pesquisas realizadas nos Estados Unidos indicam que mais de 40% dos norte-americanos têm preconceitos contra homossexuais, não querendo se associar de forma alguma a esta parcela da população (Bhat e cols., 1996; Kates, 1998). Uma pesquisa realizada pelo *Instituto Gallup* em 2006, por sua vez, encontrou índices ainda maiores de preconceito contra gays e lésbicas: 51% da população estadunidense condena a homossexualidade, acreditando que esta é moralmente errada. A pesquisa *Gallup* também aponta para o fato de que apesar do preconceito contra homossexuais ter diminuído consideravelmente nas últimas três décadas, ele tem se mantido estável nos últimos cinco anos. Isto significa que, ao contrário do que sugere o senso comum, o preconceito contra gays e lésbicas não vem diminuindo progressivamente com o passar dos anos. Apesar de não existirem estudos brasileiros definitivos, estima-se que a grande maioria da população heterossexual nacional apresente algum grau de preconceito contra homossexuais (DaMatta, citado por Mazzaro, 1999), acreditando que a homossexualidade é errada ou inaceitável. De acordo com Mott (1996), os homossexuais no Brasil contam com uma rejeição de 78% entre a população geral e 82% entre formadores de opinião (incluindo políticos, juristas, executivos, comunicadores e membros da Igreja). Vale ressaltar aqui que o preconceito contra homossexuais é admitido abertamente, ao contrário do racismo. Nestes casos, os homossexuais são freqüentemente taxados de doentes, anormais, imorais, pecadores, marginais, pedófilos³⁶, promíscuos, predadores sexuais³⁷, efeminados,

³⁶ A idéia de que os homossexuais são pedófilos, ou apresentam maior propensão a abusar sexualmente de crianças, se comparados aos heterossexuais, é bastante freqüente entre diversos setores da população mundial (Colasanto, 1989). Este preconceito, que tem impedido muitos homossexuais de trabalharem em atividades onde tenham contato com crianças ou de adotarem filhos, tem sido sistematicamente refutado por diversos estudos científicos (Finkelhor & Araji, 1986; Groth & Birnbaum, 1978; Groth e cols., 1982; Jenny e cols., 1994; Newton, 1978). De acordo com Trevisan (2000), convém não esquecer também que homossexuais que adotem uma

complicados, pouco confiáveis e excessivamente preocupados com aparência (Simon, 1998; Wolfe, 1998). A AIDS é considerada uma “doença gay”, e é comum ouvir dizer que a epidemia “veio para punir estes pervertidos” (Machado, 1998). Outras idéias correntes são as de que a homossexualidade “é apenas uma fase” ou de que esta é um “estilo de vida” que o indivíduo pode optar por rejeitar (Duncan e cols., 2000). Assim, são justamente estas características, impressionantes e inquantificáveis, que definem a maioria dos estereótipos contra os homossexuais, e após a ativação do estereótipo o indivíduo com frequência sente repugnância, desconforto e confusão. Entre os *estereótipos positivos* Haddock e Zanna (1998) mencionam que os homossexuais são considerados como indivíduos emotivos, arrumados, sensíveis para música e arte, criativos, alegres e que valorizam suas amizades.

Ao que parece, tal como apontam os autores acima, nossa cognição sobre os homossexuais não se baseia apenas em estereótipos, mas crenças abstratas (tais como sistemas de valores) também são um elemento fundamental na atitude preconceituosa. Neste sentido, muitas pessoas teriam preconceitos contra homossexuais por acreditarem que este grupo estigmatizado tem um sistema de valores diferente (ou oposto) ao da cultura dominante. Conseqüentemente, os homossexuais são profundamente discriminados e têm seus direitos humanos violados em diversos setores da sociedade, incluindo o ambiente doméstico-familiar, acesso a trabalho, moradia e serviços de saúde, locais públicos, instituições escolares e diversos órgãos governamentais, tais como a polícia e o exército (Duncan e cols., 2000; Helena, 1999; Rodrigues, 2000).

Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida. (Goffman, [1963] 1988: 15)

Uma pesquisa realizada pelo *Instituto Mori Brasil* em 1998 (Velloso, 1999), entrevistou homens e mulheres entre 16 e 70 anos de idade, com

criança podem significar uma ameaça à hegemonia exercida pelo casal heterossexual e pela família nuclear, que na sociedade ocidental contemporânea detém o monopólio da infância. Outro preconceito comum no que se refere à relação entre homossexuais e crianças é acreditar que os gays, por não serem capazes de se reproduzir biologicamente, estão sempre tentando “recrutar” jovens, isto é, convencer crianças e adolescentes a se *tornarem* homossexuais (Moritz, 1996).

³⁷ O estereótipo do gay como um predador sexual faz com que muitos homens heterossexuais tenham medo de sofrerem avanços sexuais indesejados por parte de homossexuais (Tuller, 1993).

escolaridade entre o nível fundamental e o superior completo, em cinco capitais (Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo). Os dados levantados por este estudo evidenciam claramente o preconceito contra homossexuais na população brasileira: para 47% dos entrevistados a homossexualidade é pecado ou distúrbio psicológico, enquanto para 28% é doença física. Destes sujeitos, 56% não apoiariam a opção de um filho que decidisse unir-se a outra pessoa do mesmo sexo (Cruz & Vieira, 1999). Uma pesquisa realizada nesse mesmo ano pela *Folha de São Paulo*³⁸ revelou outros dados interessantes: 54% dos entrevistados eram contra a legalização da união homossexual, ao passo que 62% opunham-se à adoção de crianças por casais homossexuais.

Com relação especificamente à discriminação e violência experienciadas por homossexuais, uma revisão de 24 estudos realizada por Berrill (1992) mostrou que 80% dos gays já tinham sido verbalmente agredidos, 44% sofreram ameaças, 33% foram perseguidos ou seguidos, 25% tiveram objetos jogados contra eles e 13% tinham sido cuspidos. No estudo de Mays e Cochran (2001), por sua vez, 76% dos homossexuais entrevistados haviam sofrido discriminação. Destes, a grande maioria atribuía esta experiência à sua orientação sexual, relatando que a discriminação tinha tido efeitos negativos na sua vida, incluindo tê-la tornado mais difícil e menos satisfatória. Dados do *Censo GLS*³⁹ (2005), realizado no Brasil, revelaram dados bastante semelhantes, isto é, 55% dos gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros entrevistados haviam sofrido algum tipo de violência, incluindo piadas (83%), exposição da sua orientação sexual (60%), xingamentos (54%), chantagem (13%), agressão física (11%), avanço sexual indesejado (7%), extorsão (4%), ameaça de morte (4%) e estupro (2%).

³⁸ **O RELATÓRIO** Folha da Sexualidade Brasileira, *Folha de São Paulo*, caderno Mais!, 18 de jan. 1998. p. 4-11.

³⁹ As letras da sigla *GLS* correspondem às palavras “gay”, “lésbica” e “simpatizante”. Podemos definir como *simpatizante* o indivíduo que não possui preconceito contra homossexuais e que opta por interagir socialmente com este setor da população. É comum, no entanto, que os simpatizantes sejam rotulados de homossexuais “suspeitos” ou “sem coragem de assumir”. O conceito de *GLS* surgiu nos anos 90, introduzindo no contexto brasileiro a idéia americana de *gay friendly*. Segundo Gonçalves (2000), ele teria sido cunhado pela equipe do *Festival Mix Brasil da Diversidade Sexual* com o objetivo de abranger o público que lotou as sessões da primeira edição do festival em 1993. A sigla teria sido apresentada oficialmente em 1994 em um folheto do 2º *Festival Mix Brasil*, sendo rapidamente aprovada pela mídia nacional. Vale apontar também que desde o ano de 2000 líderes do movimento homossexual nacional vem querendo substituir o conceito de *GLS* pelo de *GLBT* (*Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros*).

Uma pesquisa realizada pelo *CESEC*, *IMS*⁴⁰ e *Grupo Arco-Íris de Conscientização Homossexual* com participantes da Parada do Orgulho GLBT no Rio de Janeiro em 2004, revela dados ainda mais completos, pois diferenciaram entre discriminação e agressão (Carrara & Ramos, 2005). De acordo com a pesquisa, aproximadamente 65% dos indivíduos entrevistados haviam sido discriminados por vizinhos e amigos (34%), no ambiente familiar (27%), em escolas e universidades (27%), em ambientes religiosos (21%), em lugares de lazer (18%), no ambiente de trabalho (12%) e na área de saúde (11%). Os autores concluem que, em alguns casos, situações de discriminação antecedem a violências físicas. No que se refere mais especificamente à violência, 62% dos sujeitos afirmaram terem sido agredidos devido à sua orientação sexual, incluindo agressão verbal (55%), agressão física (19%), chantagem/extorsão (13%), violência sexual (6%) e golpe do Boa Noite Cinderela⁴¹ (5%). As agressões, por sua vez, geralmente ocorriam em lugares públicos (59%) e eram perpetradas, na sua grande maioria, por desconhecidos (50%). Vale lembrar que em 42% das situações a agressão não foi comunicada a ninguém, um dado significativo se levarmos em consideração que a amostra utilizada era composta por participantes de uma Parada GLBT, isto é, indivíduos possivelmente engajados na luta contra o preconceito homossexual. Estatísticas levantadas no Rio de Janeiro pelo *Disque Defesa Homossexual* (DDH, 2005), por exemplo, mostram que a maioria das denúncias referem-se a casos de discriminação e são feitas por indivíduos com idades entre 21 e 40 anos. Outros tipos de violência, no entanto, raramente são notificados.

Existem ainda outros dois estudos que revelam a magnitude do preconceito contra homossexuais no Brasil. Na pesquisa realizada por Lacerda e cols. (2002), por exemplo, mais de três quartos dos estudantes universitários analisados foram classificados como preconceituosos. Waiselfisz (1998), por sua vez, postula que

⁴⁰ A sigla *CESEC* se refere ao *Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos* (Universidade Cândido Mendes) e *IMS* ao *Instituto de Medicina Social* (Universidade Estadual do Rio de Janeiro).

⁴¹ O golpe do *Boa Noite Cinderela* é um crime que consiste em dopar as vítimas com substâncias químicas (por exemplo colocando soníferos em bebidas, balas ou chicletes) para depois roubá-las (Moreira, 2006). O termo teria surgido na boate gay carioca *Incontru's*, aludindo ao conto de fadas onde o sujeito se sente durante a noite como uma "Cinderela" (sendo assediado por outro homem muito bonito) e ao acordar no dia seguinte após o golpe percebe que perdeu tudo, voltando a ser a "Gata Borralheira".

jovens entre 14 e 20 anos de idade consideram mais grave a depredação de orelhões e placas ou pichações do que humilhar e discriminar homossexuais.

Os números de assassinatos de gays e lésbicas também destacam a intolerância brasileira: em 2005 foram assassinados 81 homossexuais⁴² (Grupo Gay da Bahia, 2006), isto é, a cada 4 dias um homossexual é brutalmente assassinado no Brasil. Esta estatística, ratificada por relatórios da *Anistia Internacional* (2001), do *Departamento de Estado Norte-Americano* e da *Associação Gay e Lésbica Internacional*, colocam o Brasil como campeão mundial de assassinatos de homossexuais, equiparando-o a países como Irã, Sudão, Zimbábue e Iraque, onde a homossexualidade é considerada crime passível de execução (Mott & Yonara, 1999).

Torna-se importante esclarecer que quando falamos em *assassinatos de homossexuais* estamos nos referindo exclusivamente a homicídios cujo principal motivo foi a orientação sexual da vítima, não incluindo casos nos quais o crime ocorreu por razões de outra ordem. Este tipo de assassinato é freqüentemente chamado de *crime de ódio*, isto é, crimes nos quais um indivíduo é vitimizado devido à sua raça, religião, nacionalidade, orientação sexual, sexo ou deficiência (física ou mental). Desta forma, “*os crimes de ódio homofóbico caracterizam-se pela extrema violência, seja pelo grande número de golpes desferidos contra a vítima, pela crueldade do ferimento, seja pelo concurso de diversos modos de tortura.*” (Mott, 2000a: 94-95). Importante notar que crimes de ódio são menos relatados a autoridades e parecem causar efeitos psicológicos mais graves do que outros tipos de violência, incluindo depressão, raiva, ansiedade e transtorno de estresse pós-traumático (Herek e cols., 1999). Isto acontece porque o ataque ocorre tanto a nível físico quanto psíquico, e o indivíduo discriminado acaba por

⁴² Na falta de estatísticas oficiais, estes dados foram colhidos pelo *Grupo Gay da Bahia* através de notícias divulgadas na mídia, registro de queixas, cartas e mensagens na internet. A incompletude dos dados disponíveis se deve, em parte, ao descaso do Governo brasileiro em fazer medições oficiais e ao fato de que muitos homossexuais têm sua orientação sexual omitida nos registros policiais por pressão familiar, enquanto os assassinatos ocorridos em estados mais distantes não chegam a ser noticiados pela imprensa ou não são encaminhados aos grupos homossexuais (Mott, 1996). A queda no número de assassinatos em comparação com o ano anterior (que registrou 158 casos) não se deveu, no entanto, à uma diminuição do preconceito contra homossexuais, mas à falta de financiamento para a manutenção da pesquisa realizada pelo *Grupo Gay da Bahia*. Supomos, por estes motivos, que estes dados representam apenas uma ínfima parcela do número total de homossexuais assassinados no país. A título de comparação podemos mencionar que nos Estados Unidos em 2005 foram assassinados apenas 25 homossexuais, sendo que este país possui uma coleta oficial de dados e conta com uma população quase duas vezes maior do que a do Brasil.

associar sua vulnerabilidade a características pessoais, culturais e sexuais sob às quais não tem controle, o que por sua vez diminui ainda mais sua auto-estima e aumenta sentimentos de desamparo (D'Augelli, 1998). Neste sentido, postulamos que crimes de ódio podem trazer à tona antigos sentimentos de preconceito sexual internalizado em suas vítimas, visto que o sujeito experiencia sua homossexualidade como uma fonte de sofrimento, perigo e punição. Berrill (1992), por sua vez, aponta para o problema da vitimização secundária, que pode ser experienciada por sobreviventes de crimes de ódio quando as pessoas à sua volta ficam sabendo do ataque e, conseqüentemente, da sua orientação sexual.

Em uma interessante análise, Franklin (1998) caracteriza a violência contra homossexuais como uma expressão cultural de estereótipos e expectativas relativas ao comportamento masculino e feminino “apropriado”. Deste modo, os ataques a indivíduos que se desviam de papéis de gênero tradicionais pode ser compreendido como uma forma socialmente aprendida de controlar o desvio, mantendo uma rígida distinção entre os sexos. Em outras palavras, os homossexuais se tornam uma ameaça não por violar *tabus sexuais*, mas por ir contra *normas de gênero* (Kite & Whitley, 1998). A crença de que os homossexuais se comportam de maneira inapropriada com relação a seu sexo biológico também tem gerado preconceito dentro do próprio grupo. Desta forma, muitos gays relatam ter preconceito contra lésbicas (principalmente as que adotam trejeitos “masculinos”), homossexuais efeminados e transgêneros, sem contar com as discriminações baseadas em idade, raça e classe social. Assim, alguns homossexuais tomariam atitudes em relação a indivíduos visivelmente estigmatizados similares àquelas que o resto da população toma em relação ao grupo de homossexuais com um todo. De acordo com Fiske (1998), percebemos rapidamente o preconceito entre heterossexuais e homossexuais, mas somos mais lentos em detectá-lo quando este ocorre dentro do grupo alvo, isto é, entre os próprios homossexuais. Uma explicação para o preconceito contra gays efeminados é que este derivaria da necessidade de encobrimento característica de homossexuais não-assumidos. Confrontados com indivíduos efeminados estes homossexuais têm sentimentos ambivalentes; em primeiro lugar:

... uma pessoa que deseje esconder sua incapacidade notará em outras traços reveladores de uma incapacidade. Além disso, é provável que ela se ressinta desses traços que revelam a incapacidade porque, querendo esconder a sua deficiência, quer também que as outras pessoas escondam as suas. (Wright, citado por Goffman, [1963] 1988: 97)

Um homossexual não-assumido que luta para esconder seu estigma pode sentir-se profundamente incomodado pelo gay efeminado que exhibe abertamente sua orientação sexual. Em segundo lugar, e é aí que entra a ambivalência, a ostentação da homossexualidade pelo gay efeminado não é apenas uma ameaça, como também leva o indivíduo não-assumido a sentir culpa por haver negado sua própria sexualidade, assim como os benefícios psíquicos da revelação desta.

Quer mantenha uma aliança íntima com seus iguais ou não, o indivíduo estigmatizado pode mostrar uma ambivalência de identidade quando vê de perto que eles comportam-se de um modo estereotipado, exibindo de maneira extravagante ou desprezível os atributos negativos que lhes são imputados. Essa visão pode afastá-lo, já que, apesar de tudo, ele apóia as normas da sociedade mais ampla, mas a sua identificação social e psicológica com esses transgressores o mantém unido ao que repele, transformando a repulsa em vergonha. (...) Em resumo, ele não pode nem aceitar o seu grupo nem abandoná-lo. (A expressão “preocupação com a purificação intragrupal” é usada para descrever os esforços de pessoas estigmatizadas não só para “normificar” o seu próprio grupo mas também para limpar totalmente a conduta de outras pessoas do grupo.) (Goffman, [1963] 1988: 118-119)

Segundo Meyer e Dean (1998), as minorias sexuais experienciam altos níveis de estresse⁴³ em decorrência de sua estigmatização. No centro deste estresse estaria algum tipo de conflito ou desarmonia entre o membro da minoria e o universo social dominante. No caso dos homossexuais, este conflito se expressa em valores e normas discordantes com relação à sexualidade e à intimidade. Assim, a atribuição de um status inferior aos homossexuais resulta em uma série de eventos negativos sobre os quais o indivíduo tem pouco controle, gerando uma sensação de desamparo permanente. Entre outros efeitos, o estresse é responsável por prejuízos à saúde física e emocional dos indivíduos tais como depressão, ansiedade, dificuldades de sono, dores de cabeça crônicas, irritabilidade, baixa imunidade e problemas cardíacos (Duncan e cols., 2000).

⁴³ Definimos *estresse* como eventos negativos (grandes ou rotineiros) que por sua frequência e acúmulo impactam prejudicialmente a vida do indivíduo.

No contexto de seu status de minoria sexual, lésbicas, gays e bissexuais experienciam homofobia e estigmatização, o que os coloca em risco para sofrer eventos de vida negativos, especificamente eventos relevantes para a homossexualidade (ex. perda de emprego, moradia ou custódia de filhos; violência e discriminação decorrente de sua orientação sexual), assim como problemas diários mais crônicos (ex. escutar piadas preconceituosas, estar sempre na defensiva). (DiPlacido, 1998: 140; tradução nossa)

De acordo com a autora acima, determinadas características de personalidade e apoio social (vindo da comunidade gay, família, amigos ou parceiros) podem minimizar os efeitos negativos do estresse. Entre as características de personalidade encontra-se a habilidade de enfrentar novas situações com sentimentos de desafio, controle e compromisso, acreditando que o enfrentamento de obstáculos favorece o crescimento pessoal. No que se refere à rede de suporte social, devemos ressaltar que para muitos gays a comunidade homossexual é a sua única ou principal fonte de apoio. Nela encontram ajuda emocional (reuniões em grupo, eventos sociais) e recebem informações sobre aspectos práticos do dia a dia, tais como seus direitos como cidadão e que serviços médicos e psicológicos estão disponíveis para a comunidade gay.

As relações com os membros da família também são cruciais. Ao assumir sua orientação sexual o homossexual geralmente provoca um transtorno na dinâmica familiar e o surgimento de reações negativas por parte desta é bastante comum. Em casos extremos os gays sofrem violência física ou são expulsos de casa, o que contribui ainda mais para o estresse. Em outros, no entanto, após um período de luto familiar, o homossexual acaba ganhando aceitação, apoio e amor de seus familiares, ajudando-o a lidar com o estresse de ser um indivíduo estigmatizado. O mesmo ocorre com os relacionamentos amorosos, sendo importante notar que entre os gays o rompimento com um parceiro é considerado um dos eventos de vida mais estressantes. A estes tipos de estresse podemos chamar de *estressores externos*, enquanto que os *estressores internos* seriam aqueles ligados à internalização do preconceito, tema que será discutido em profundidade mais adiante.

Analisando o estresse mais uma vez a partir do conceito de *estigma*, pode-se perceber que este difere de acordo com o grau de revelação do estigma, isto é, se o homossexual assumiu sua identidade sexual para outros ou não. No caso de homossexuais assumidos, o fato de que outras pessoas conheçam sua orientação

sexual os coloca em risco de sofrerem um número maior de eventos de vida negativos, tais como discriminação, rejeição e abuso físico ou verbal. Por outro lado, homossexuais não-assumidos ou que revelaram seu estigma apenas para algumas pessoas, podem experimentar menos eventos de vida negativos, mas provavelmente sofrem mais com o estresse (DiPlacido, 1998). A inibição de sentimentos e pensamentos que caracteriza a vida cotidiana destes homossexuais, faz com que eles tenham que monitorar situações constantemente para determinar se podem ou não serem abertos quanto à sua orientação sexual. Assim, precisam analisar cada palavra, gesto ou comportamento que denuncie seu estigma através de uma relação custo-benefício, decidindo, a cada instante, se vale a pena revelar sua condição, a quem e quando. A escolha de levar uma “vida dupla”, isto é, de negociar entre dois mundos distintos (o heterossexual e o homossexual) é um fator adicional de estresse. Deste modo, situações sociais cotidianas podem se transformar em uma luta e um desafio permanente para aqueles que acham que precisam esconder sua sexualidade.

Para vários membros da maioria heterossexual, torna-se difícil empatizar com a situação dos homossexuais. O indivíduo pode até simpatizar e desejar que não houvesse preconceito, mas, em diversas situações, acaba adotando a tendência de jogar parte da culpa sobre a vítima, o que comumente chamamos de “reputação bem merecida”. Desta forma, pode-se raciocinar que “se os homossexuais são vítimas de preconceito deve ser por alguma razão” ou “se os gays não querem ter problemas, por que não ficam calados, deixam de freqüentar lugares onde não são bem recebidos, etc.” Na verdade, este tipo de pensamento é uma demanda para que os homossexuais adotem padrões de comportamento altamente restritivos, se comparados com o resto da população.

A tendência de culpar a vítima pelo preconceito é motivada por um desejo de ver o mundo como um lugar justo, onde as pessoas recebem aquilo que merecem (Lerner, citado por Aronson, 1999). Desde a infância somos ensinados que o bem, o trabalho árduo e a virtude são recompensados, enquanto o mal, a preguiça e a imoralidade, não são. A partir dessas premissas segue a idéia de que as pessoas que prosperam devem ser boas e as que sofrem devem merecer seu destino. Qualquer acontecimento negativo difícil de explicar deve ser, assim, culpa da personalidade ou do comportamento do indivíduo. Ao que parece, a maioria das pessoas se sente ameaçada de viver em um mundo onde determinados

indivíduos, por circunstâncias que fogem de seu controle, sejam privados daquilo que eles merecem ou precisam. Culpar a vítima pode igualmente justificar o status superior de quem lança a culpa. Este autor também sugere que apenas observar uma pessoa se tornar vítima inocente de abusos físicos ou verbais é suficiente para fazer o indivíduo parecer menos digno, principalmente quando os observadores são impotentes para alterar o destino da vítima.

A pesquisa, citada anteriormente, realizada pelo *Instituto Mori Brasil* (Velloso, 1999), parece confirmar um dado que tem sido apontado por diversos autores (McLeod & Crawford, 1998; Schellenberg e cols., 1999; Sherrod & Nardi, 1998): o preconceito contra homossexuais é maior em indivíduos idosos (devido ao fato de terem passado a maior parte de suas vidas em uma sociedade onde a homossexualidade não era aceita ou tinha pouca visibilidade), com nível de escolaridade baixo (a desinformação favorece o preconceito) ou residentes em zonas rurais (o contato com homossexuais reduz o preconceito). Com relação especificamente ao nível de escolaridade, Quinley e Glock (1979) sugerem que a educação formal reduz o preconceito na medida em que ensina o que é preconceito e como combatê-lo, treina o indivíduo a pensar em termos de evidência e inferência, introduz o sujeito a costumes e práticas culturais de grupos minoritários, ensina as pessoas a julgarem normas sociais de uma forma independente e crítica, e expõe o indivíduo a contatos sociais diversificados.

Diversos estudos (Basow & Johnson, 2000; Morin & Garfinkle, 1978; Polimeni e cols., 2000) também sugerem que indivíduos que têm preconceito contra homossexuais tendem a ser do sexo masculino, com traços de personalidade autoritária, religiosos, conservadores, que acreditam na existência de papéis de gênero tradicionais e que expressam rigidez e culpa com relação à seus próprios impulsos sexuais. Outras pesquisas (Henley & Pincus, 1978; Laird & Green, 1996; Minnergerode, 1976) encontraram correlações entre preconceito contra homossexuais e atitudes negativas contra mulheres e negros. Vale lembrar que apesar do preconceito contra homossexuais ser maior em homens do que em mulheres, alguns estudos (Herek, 2000a; Logan, 1996; Polimeni e cols., 2000; Weinberger & Milham, 1979) têm consistentemente demonstrado que homens têm mais preconceito contra gays, enquanto mulheres possuem um número maior de atitudes negativas com relação a lésbicas. Estes dados têm sido explicados postulando-se a hipótese de que homossexuais que são do mesmo sexo que o

nosso são mais ameaçadores, pois violam estereótipos de gênero pessoais, ao mesmo tempo em que ativam medos de assédios românticos ou sexuais não desejados.

A correlação entre grau de religiosidade e preconceito também foi estabelecida, apesar de não saber-se ao certo a relação causal entre estas duas variáveis (Herek, 1987; Nyberg & Alston, 1977). De acordo com Myers (2000), talvez as pessoas com menos escolaridade sejam ao mesmo tempo mais fundamentalistas e mais preconceituosas. Pode ser igualmente que o preconceito conduza à religião, levando as pessoas a desenvolverem idéias religiosas para sustentar seus preconceitos. Ou talvez a religião induza ao preconceito, ao levar as pessoas a acreditarem, já que Deus dotou todos os seres humanos com o livre-arbítrio, que os homossexuais não podem culpar ninguém senão a si próprios por sua situação. A explicação de que a Bíblia condena a homossexualidade também não parece fazer muito sentido, pois a Bíblia condena muitas outras coisas às quais não damos a menor importância. O interesse pela homossexualidade está no fato de que ela representa o sexo fora de uma relação familiar entre um homem e uma mulher que desempenham papéis de gênero distintos mas complementares.

... em uma época na qual a família nuclear convencional está sendo posta em xeque por mulheres que não estão mais dispostas a sacrificar carreiras e realização pessoal por marido e filhos, existe perda de autoridade parental, taxas de divórcio em ascensão (...) e pressões econômicas que forçam mulheres a entrar no mercado de trabalho em condições insatisfatórias, as associações que a homossexualidade evoca são enormes. (Greenberg, 1988: 470; tradução nossa)

Este autor faz uma análise ainda mais interessante das causas do preconceito contra homossexuais unindo as variáveis de status social e valores tradicionais. Para muitos indivíduos a adesão a valores e normas tradicionais é um componente fundamental de sua reivindicação de respeitabilidade, o que faz com que o questionamento destes valores feito pelos homossexuais seja um ataque implícito (ou explícito) a esta reivindicação. Indivíduos que possuem outras fontes de auto-estima podem ignorar estes ataques, mas para aqueles cujo sucesso material é limitado, respeitabilidade moral torna-se psicologicamente importante. Em outras palavras, pode-se dizer que indivíduos pertencentes às classes trabalhadora ou baixa classe média seriam mais preconceituosos porque defendem valores familiares tradicionais com mais tenacidade, ao mesmo tempo em que não

possuem outras fontes de respeitabilidade social com as quais minimizar a perda de status decorrente da normalização da homossexualidade.

O preconceito contra a homossexualidade é geralmente desenvolvido durante a infância do indivíduo, sendo particularmente influenciado pela socialização de gênero. Tal como mencionado acima, diversos autores (Childers, 2000; Herek, 1996; Herek & Capitano, 1999; Kite & Whitley, 1998) postulam que homens heterossexuais tendem a ser mais preconceituosos contra gays do que mulheres heterossexuais, dado este que também foi corroborado no Brasil (Lacerda e cols., 2002). A explicação mais provável para este fenômeno é de que na sociedade ocidental existe uma forte correlação entre masculinidade e heterossexualidade, o que faz com que os homens sejam pressionados (social e psicologicamente) a afirmar sua masculinidade rejeitando elementos que não sejam culturalmente definidos como masculinos (ser gay, por exemplo) ou que parecem negar a importância destes (as lésbicas). Visto que as mulheres heterossexuais não percebem a rejeição da homossexualidade como um fator fundamental para a constituição de sua identidade sexual, não se sentem pressionadas a serem preconceituosas e portanto acabam tendo mais contato com homossexuais, o que, tal como discutido anteriormente, tende a reduzir o preconceito. Dito de outra forma, o preconceito contra homossexuais desempenha um papel importante no sentimento de identidade masculina porque nossa sociedade define o gênero pelo comportamento sexual e a masculinidade por oposição à feminilidade. Assim, o preconceito contra gays desempenha o papel psicológico essencial de deixar claro quem é heterossexual e quem é homossexual.

Ver um homem efeminado desperta enorme angústia em muitos homens, pois desencadeia neles uma tomada de consciência de suas próprias características femininas, como a passividade e a sensibilidade, que eles consideram um sinal de fraqueza. (Badinter, 1992: 119)

Herek (1986) propõe que o preconceito que homens sentem contra homossexuais é, na verdade, uma reação a inseguranças sobre sua própria masculinidade. De acordo com este autor, a pressão imposta sobre homens heterossexuais para se conformar a noções tradicionais de masculinidade faz com que estes desenvolvam um alto grau de ansiedade em não conseguir atingir estas

expectativas. Assim, homens que são mais inseguros com relação à sua própria masculinidade também apresentariam um maior número de atitudes negativas com relação a homossexuais. Em outras palavras, podemos dizer que indivíduos excessivamente preocupados com sua masculinidade podem ter medo, e eventualmente fugir, de situações nas quais esta masculinidade possa vir a ser questionada, isto é, evitariam, a todo custo, interagir com homossexuais.

Uma consequência do heterossexismo é seu efeito nos heterossexuais. Devido ao estigma atribuído à homossexualidade, muitos heterossexuais monitoram e restringem seu próprio comportamento para evitar serem taxados de gays. (...) Por exemplo, muitos homens evitam roupas, hobbies e maneirismos que possam ser chamados de “efeminados”. O preconceito contra gays também interfere nas amizades entre pessoas do mesmo sexo. Homens muito preconceituosos contra homossexuais parecem ter um número menor de amizades íntimas não-sexuais com outros homens do que homens com atitudes tolerantes. (Devlin & Cowan, 1985: 468; tradução nossa)

Seguindo esta linha de raciocínio, outros autores (Frank, 1994; Simpson, 1994) sugerem que o preconceito contra homossexuais é um componente central do conceito de masculinidade de indivíduos jovens porque ele mantém o contato que ocorre entre homens em determinadas situações (tais como em atividades esportivas, por exemplo), dentro dos limites seguros da heterossexualidade. Deste modo, o preconceito contra homossexuais ajudaria a policiar as fronteiras dos contatos masculinos, fazendo com que o desvio seja mantido à distância (Herek, 1990; Kaufman, 1992).

Faz-se importante ressaltar aqui a *origem do estigma*, isto é, se ele é percebido como *controlável* ou *incontrolável*, pois indivíduos com estigmas considerados controláveis são mais rejeitados e recebem um tratamento pior do que aqueles cujo estigma é considerado incontrolável (Crocker e cols., 1998). Estudos recentes (Burr, 1993; Mills, 1998; Whitley, 1990; Wolfe, 1998) indicam que pessoas que acreditam que a homossexualidade é uma condição biológica (estigma incontrolável) que não pode ser modificada, tendem a aceitá-la melhor e a serem mais a favor dos direitos dos homossexuais. Interessante ressaltar que 20% dos sujeitos pesquisados por Jablonski (1999) declaram concordar com a afirmação de que “homossexualismo é uma doença”, enquanto 41% dos indivíduos entrevistados pelo *Ibope* (Pinheiro, 2000) acreditam que os

homossexuais “já nascem assim”⁴⁴. Nos Estados Unidos, de acordo com Besen (2003), aproximadamente 50% da população acredita que a homossexualidade é genética, atitude esta que vem ganhando cada vez mais adeptos possivelmente devido à crescente ênfase em estudos que investigam causas biológicas para as orientações sexuais.

Segundo Yang (1998), a noção de que os homossexuais não escolheram sua orientação sexual tende a provocar simpatia ou pena em muitos heterossexuais, o que, vale ressaltar, não se traduz, necessariamente, em respeito (Van Gelder, 1991). Em um sentido oposto, indivíduos que entendem a homossexualidade como uma opção (estigma controlável) freqüentemente a condenam (Wolfe, 1998). Quem segue esta linha de raciocínio acredita que, se a orientação sexual é uma escolha consciente, os heterossexuais também possuem a escolha de condená-la. O problema da origem do estigma, ou seja, se ele é controlável ou não, também afeta profundamente o seu portador. Homossexuais que consideram sua orientação sexual como controlável podem tentar modificá-la, o que é infrutífero e gera frustração, sentimentos de fracasso e depressão. Tal como veremos adiante, indivíduos que tentam lidar com o fato de serem homossexuais buscando uma razão para sua orientação sexual, podem encontrá-la nas teorias oferecidas pelas terapias de conversão, terapias estas que se propõem a mudar a orientação sexual do sujeito. Em contraposição, homossexuais que acreditam que sua orientação é incontrolável focalizam suas energias em aceitarem-se como são, estabelecendo uma identidade positiva e lutando contra o preconceito e a discriminação.

Tal como ocorre com outros grupos sociais, o contato interpessoal positivo entre heterossexuais e homossexuais tende a diminuir o preconceito, sobretudo se este ocorrer entre familiares ou amigos próximos, e se houver uma conversa aberta sobre sexualidade (Simon, 1998; Sherrod & Nardi, 1998). De acordo com diversos autores (Herek, 1988; Herek & Capitanio, 1996; Herek & Glunt, 1993; Kus & Latcovich, 1995), heterossexuais que conhecem pessoalmente um indivíduo homossexual tendem a apresentar atitudes mais positivas com relação aos homossexuais como grupo, e, quanto mais contato a pessoa tiver, mais

⁴⁴ A diferença dos resultados encontrados nessas duas pesquisas provavelmente reside na natureza da amostra: enquanto que Jablonski (1999) entrevistou apenas estudantes universitários, o *Ibope* (Pinheiro, 2000) utilizou uma amostra representativa da população brasileira como um todo.

favoráveis serão as atitudes. Apesar de poder-se argumentar que indivíduos que já possuem atitudes mais favoráveis com relação a homossexuais estão mais predispostos a terem amigos gays, a hipótese de contato discutida anteriormente sugere que este contribui para a redução do preconceito.

Se o homossexual realmente se sente à vontade com sua orientação sexual (agindo natural e espontaneamente), essa aceitação terá um efeito imediato sobre as demais pessoas, tornando-se-lhes mais fácil ficarem à vontade com ele em situações sociais. Visto que a utilização de estereótipos é comum quando possuímos uma experiência limitada com um grupo social determinado, a familiaridade que advém de um contato prolongado com diversos membros do grupo reduz (ou elimina) estereótipos, permitindo que características individuais sejam reconhecidas, além de prover um real entendimento do que significa ser gay. Yang (1998) sugere também que este contato aumenta a probabilidade de heterossexuais se tornarem a favor da igualdade de direitos para os homossexuais. DaMatta (citado por Mazzaro, 1999) menciona ainda que, ao assumirem sua sexualidade, os homossexuais acabam contribuindo para o resgate de sua cidadania, ajudando, ao mesmo tempo, outros gays a fazerem o mesmo. Outro fator de extrema importância parece ser a aceitação por parte da família: se esta respeitar a orientação sexual do indivíduo a sociedade como um todo tenderá a encará-la de forma mais natural (Cruz & Vieira, 1999).